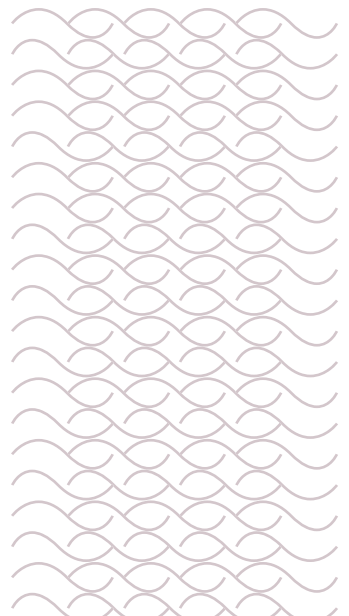
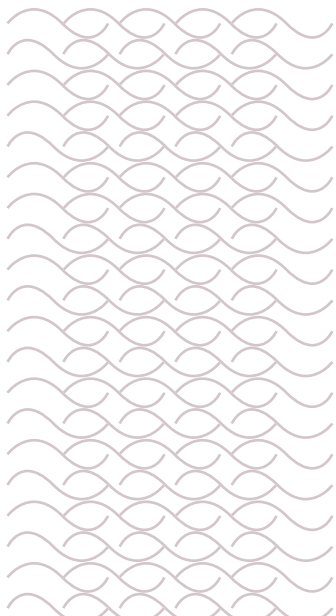


ENTREVISTA



Ativismos: ação como forma de comunicação

Activisms: action as a form of communication

Activismos: la acción como forma de comunicación

Entrevista com Henrique Antoun

Realizada por Rogerio Tineu

Faculdade Paulus de Comunicação - FAPCOM

<rogerio.tineu@fapcom.edu.br>

Henrique Antoun é professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e desde 2007 coordena projetos de pesquisa como bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Atualmente coordena o Cibercult, laboratório de comunicação distribuída e transformação política na Escola de Comunicação da UFRJ. Foi diretor do departamento de Fundamentos da Comunicação da Escola de Comunicação da UFRJ, Coordenador Adjunto do Programa de Pós-Graduação de Comunicação da UFRJ e Secretário Executivo da Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura (ABCIBER).

É graduado em Desenho Industrial pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1977), mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1989) e doutor em Comunicação pela UFRJ (1993). O doutorado sanduíche foi realizado em Sociologia da Comunicação pela Université de Paris V (Renée Descartes) (1992). Também é pós-doutor no McLuhan Program in Culture and Technology da Universidade de Toronto (2006).

Sua atuação acadêmica é na área de Comunicação com ênfase em Teoria da Comunicação, atuando principalmente em cibercultura, comunicação, política e ética. É autor de diversos artigos científicos e capítulos de livros, possui dezenas de trabalhos publicados em anais de eventos e é autor do livro *Internet e a Rua: a ciberativismo e mobilização nas redes sociais*. O livro analisa as manifestações de ruas dos últimos anos e as relações com as mídias sociais.

A entrevista do Prof. Henrique Antoun concedida para a *Revista PAULUS* versa, fundamentalmente, sobre o ativismo e o ciberativismo como formas de comunicação que constituem alternativas à atuação partidária, ideológica ou institucional. O ativismo, de maneira ampla, é entendido como um movimento de defesa dos grupos minorizados e em relação às questões socioambientais.

Outros dois pontos da entrevista com o Prof. Henrique Antoun merecem destaque: o primeiro diz respeito ao policentrismo das redes sociais e a atuação de grupos políticos e dos diversos activismos que ocorrem de maneira descentralizada. No segundo ponto, o autor discorre sobre a algoritmização da vida em sociedade, que é entendida como a programação que substitui a ação humana pela ação de uma inteligência artificial.

Rogério Tineu: Qual é a importância do ativismo, nas suas mais variadas formas, para uma sociedade democrática?

Henrique Antoun: Ele é uma alternativa à atuação partidária, ideológica ou institucional. O ativismo remete aos movimentos de defesa de algo, como a ecologia, ou a reivindicações de minorias, como gays, prostitutas etc. Ele funciona em rede e usa os meios de comunicação e as organizações não governamentais para operar. Se uma empresa vai derrubar árvores milenares, ou barcos de pesca têm atuação predatória, grupos locais que se identificam com a defesa da causa podem atuar e usar o nome da organização que, se concordar com a atuação, envia advogados para defenderem atos e atores e convoca a mídia através de alarmes ou campanhas. O ativismo se organiza em rede vai ganhar força nos anos 1960. Nos anos 1980 vai ocupar a internet com seus grupos de discussão e se expandir internacionalmente através da rede comunicacional proporcionada por ela.

Rogério Tineu: Existe alguma distinção entre o ciberativismo e o ativismo tradicional?

Henrique Antoun: O ciberativismo usa a internet para impulsionar seus protestos e defender suas causas, com sítios, fóruns, blogs etc. O ativismo tradicional dependia de usar os meios alternativos de comunicação, como mimeógrafos, ou ser capaz de encontrar simpatia na grande mídia de massa, apelando para o apoio de celebridades ou figuras institucionais.

Rogério Tineu: Atualmente, o ativismo social resume-se às redes digitais?

Henrique Antoun: Não, mas tem nela seu principal impulsionamento, usando Twitter para coordenar as ações públicas, WhatsApp para formar grupos privados fechados, Instagram para propagar memes, Facebook para construir grupos de mobilização etc.

Rogério Tineu: A Rainha Elizabeth II da Inglaterra, em sua última mensagem de Natal, afirmou que os jovens de hoje têm um nível de engajamento em causas ambientais e climáticas comparável ao dos jovens na Segunda Guerra Mundial. O que você pensa disso?

Henrique Antoun: O movimento antinazista formou uma rede supraideológica e suprapartidária que consagrou a aliança vencedora da luta contra o nazismo, unindo EUA e URSS. Hoje, a causa ambiental, desdobrada na questão climática, reúne cientistas e jovens em um movimento de controle dos empreendimentos predatórios e agressivos do capital. É um movimento igualmente suprapartidário e supraideológico. Acredito que a rainha se referia a isso.

Rogério Tineu: Por que determinados grupos políticos, econômicos e da sociedade em geral se incomodam e acabam por atacar os ativistas ambientais? Lembro aqui das diversas tentativas históricas de criminalização do Greenpeace e de movimentos civis similares.

Henrique Antoun: Eles defendem a imposição de limites aos empreendimentos do capital que sejam altamente predatórios e defendem regulamentações mais firmes na questão de clima e destruição da natureza. Os empreiteiros e as milícias que eles utilizam não estão dispostos a se verem limitados em seus roubos de terra, invasão de terra indígena, desmatamento intensivo, uso de mão de obra ilegal e semiescravidade e outras práticas afins.

Rogério Tineu: A popularização do acesso a redes digitais e o ciberativismo conseguiram dar mais visibilidade e protagonismo

O movimento antinazista formou uma rede supraideológica e suprapartidária que consagrou a aliança vencedora da luta contra o nazismo, unindo EUA e URSS.

aos grupos minorizados, como o movimento feminista, negro e LGBT no Brasil?

Henrique Antoun: Essa visibilidade ganha novo impulso com os movimentos transexuais que levam adiante a recusa da cultura genérica, de classe. Propagam-se pela juventude a luta cultural, o desejo de desenvolver modos coletivos diferenciados de viver e se comportar. A luta pela diferença, contra o modelo familiar de consumo, que emergiu nos anos 1960, prossegue hoje através dos coletivos e suas lutas pela aceitação social legal das diferenças minoritárias. Essas lutas e reivindicações são muitas vezes identificadas com o globalismo e o neoliberalismo, gerando reações nacionalistas e conservadoras contra essas lutas por mudanças. No início dos anos 1990, Benjamin Barber escreveu um importante ensaio na revista cultural norte-americana *The Atlantic Monthly*, onde tematiza esse enfrentamento do Globalismo com os movimentos de pureza étnica e religiosa, intitulado “Jihad versus McMundo”.

Rogério Tineu: Como você explica os protestos no Brasil de 2013 a partir da perspectiva do compartilhamento *peer-to-peer*?

Henrique Antoun: A entrada em cena do governo de Dilma Rousseff fez o PT se alinhar de modo agressivo com empreiteiras, evangelismo neopentecostal, agroindústria. Isso gerou no partido e nos seus grupos de apoio um crescimento do descontentamento e da crítica. O PT adotou

com Dilma uma postura nacionalista em detrimento dos coletivos, ONGs e lutas culturais e se alinhou com posturas conservadoras culturalmente. O PT criou desavença com o ativismo de rede, inundando os canais de comunicação social com um bando de militantes ideológicos anônimos e agressivos, que trolavam com violência o ativismo de rede. Isto resultou no rompimento e no afastamento de amplo grupo petista identificado com o movimento do software livre, com os movimentos LGBT, com o MST e o MTST. Mas o PT ainda defendia o trabalho e procurava avançar nas leis trabalhistas, o que desagradou empregadores e agroindústria. Para piorar, em função da Copa e das Olimpíadas, muita gente estava sendo removida e a violência policial reprimia agressivamente os movimentos e as lutas contra as remoções. Tudo isso combinado fez surgir um descontentamento muito grande que se exprimiu e fermentou nas conversas em rede. O movimento tradicional pela gratuidade das passagens, que todo ano marcava a luta contra o aumento dos transportes públicos, foi o estopim para uma explosão popular impulsionada pela violência policial. A luta contra esse movimento ativista resultou em violências inauditas, depois capitalizadas pelo conservadorismo e o grande capital. Mas 2013 foi uma explosão pré-revolucionária abortada pelo PT, que pagou com a sua própria destituição esse erro.

Rogério Tineu: A maneira como esses protestos foram organizados, juntamente com o desenvolvimento do ciberativismo, redefiniram a forma de fazer política no Brasil e nas democracias em geral?

Henrique Antoun: Foi novidade para o Brasil, mas já havia acontecido antes. As manifestações que se sucederam ao protesto de Seattle em 1999 eram ativistas e massivas, auto-organizadas através de grupos sem liderança forte, coordenadas pelo DAN, a Direct Action Network, que originalmente era um grupo de teatro de rua. Na medida em que a rede se massificou com o celular no Brasil e o ativismo se aliou ao movimento de software livre, as redes sociais passaram a ter uma grande influência, se contrapondo à comunicação massiva da TV. A TV protagoniza uma comunicação de produção centralizada e proprietária que cobra um alto preço por seus serviços e se alinha com os grandes bancos, indústria e comércio, promovendo o PSDB e o neoliberalismo que ele propaga. A comunicação em rede não é irradiada por centros de produção, mas é distribuída por seus próprios participantes e protagonistas. Desde 2004, a influência da internet cresce na comunicação brasileira e contrabalança as campanhas massivas da TV, rádios e jornais. A isso vai se aliar a produção cultural descentralizada da Rede Globo onde diretores e atores gozam de grande liberdade de opinião e atuação. Se o jornalismo capitaneado pelo *Jornal Nacional* tem um alinhamento mais restrito e sintonizado com a política tucana, a esfera das novelas, dos seriados, do humor tem uns grupos mais sintonizados com coletivos e causas sociais. Isto impediu que as grandes campanhas de guerra da informação, iniciadas com a denúncia do

mensalão, surtiram o efeito visado pelos grupos neoliberais. Mas a quebra da coesão na defesa das políticas progressistas do PT, trazidas pelo nacionalismo tradicionalista, sequioso do apoio da mídia de massa e das artes massivas tradicionais, acabou por romper a defesa e a luta destes movimentos. A isto se somou uma poderosa mudança na comunicação em rede distribuída que a partir de 2014 vai trazer a comunicação para o seio da comunicação em rede.

Rogério Tineu: As redes digitais são poliocêntricas, o que indica não haver a presença de um único centro de comando na forma de um partido político, ONG, grupo de mídia tradicional, governo etc. Isso parece sugerir certa espontaneidade ou que esses grupos nodais surjam e se organizem a partir de “leis naturais”. Contudo, a utilização massiva e deliberada dos internet *bots* e perfis *fakes*, por exemplo, não acaba por criar centros nodais artificiais seguindo os interesses particulares de um determinado grupo político ou econômico?

Henrique Antoun: O policentrismo das redes distribuídas não implica espontaneidade ou “leis naturais”. Até a emergência e popularização da comunicação distribuída na Internet e a explosão das redes sociais, o modelo irradiado unicêntrico dominava a comunicação com sua indústria cultural e sua massa homogênea de consumo. Prevaleciam as leis que privilegiam a curva de sino na comunicação, promovendo a homogeneização das consciências e dos produtos. Os anos 1960, com as culturas jovens, o cinema autoral, as produções *underground* vão romper com isso. Mas nos 1970, a partir da política empreendida por Nixon e o neoliberalismo da escola de Chicago vão

Perfis *fakes* são gigantescas fazendas de *bots*, que são vendidos por marketeiros para simular uma massa de fãs ou de odiadores de algo.

fazer florescer uma aliança comunicacional entre o domínio da TV e a produção centralizada de jovens suicidários ou chiques no universo pop. As grandes rupturas e invenções dos 1960 são substituídas pelos produtos massivos promovidos nos seriados de TV. A internet surge nos 1980 rompendo com este modelo e implantando uma economia ancorada na cauda longa formada pelos gráficos da curva de Pareto, curva de um gráfico de centro de energia. O policentrismo se ancora neste novo modo de distribuir a comunicação e o consumo, fazendo com que redes que propiciam a auto-organização da busca de produtos organizem de forma suave as multidões de consumo. Mas depois da crise do *subprime*, trazida pela política agressiva da guerra promovida por Bush, a economia mundial vai mergulhar em uma profunda crise, e a rede vai conhecer a maturidade dos elementos organizacionais presentes nela se reorganizarem sob a batuta de um marketing, que se apresenta como *hacker* e usa os meios mais violentos e insidiosos de reintroduzir uma política de massa nesse ambiente. As massas de *bots* – pequenos programas especializados que fingem ser alguém para promover ou inibir uma atitude – vão reintroduzir uma política de massa na Internet. Perfis *fakes* são gigantescas fazendas de *bots*, que são vendidos por marketeiros para simular uma massa de fãs ou de odiadores de algo. Na reeleição de Dilma, foram detectados 45 mil *bots* do Aécio no Twitter que mantinham o nome do candidato diariamente no topo dos Top

Trendings brasileiro. O PT contra-atacou com outros tantos milhares de *bots* para responder. Isso traz de novo, de modo acentuado, o falseamento da comunicação que havia sido abrandado pela conversação em rede. Os centros se restauram com essas massas de *bots* simulando gente e interferindo nas conversas dos grupos e os algoritmos que eliminam o leque de decisões para encaminhá-los nas direções desejadas a partir da depuração da big data processada na Internet das Coisas. Em 2017, as técnicas avançadas do marketing de ódio, usadas no Brexit e na eleição de Trump, chegaram à eleição brasileira e o PSDB viu seu candidato afundar na comunicação massiva da TV no horário eleitoral enquanto a extrema direita elegia o improvável e inominável candidato Jair Bolsonaro, através do uso preciso e mentiroso da comunicação pelo celular ancorada no WhatsApp. Esse aplicativo traz para a comunicação distribuída a presença dos laços fortes – família, amigos e trabalho – em contraste com os laços fracos presentes nas outras redes sociais. Bolsonaro foi vendido como um tiozão carioca de churrascaria, reacionário mas divertido e sem trazer grandes riscos. A constante no Brexit, em Trump e em Bolsonaro – que permite esse recrudescimento de uma política reacionária promovida por bilionários ultraconservadores – é a presença de uma polarização inaceitável ao capitalismo. Na eleição de Trump, a polarização Clinton e Sanders; na eleição de Bolsonaro, a polarização PSDB e PT.

Rogério Tineu: Por fim, gostaria que você fizesse alguns comentários sobre a algoritmização da vida em sociedade.

Henrique Antoun: O que é um algoritmo? É uma programação que substitui a ação humana pela ação de uma inteligência artificial. Todo tipo de ação que puder ser cenarizado, tendo as escolhas de cenário sendo efetuadas por inteligência artificial, é um algoritmo. Como o algoritmo pré-escolhe o que vai ser dado para que nós façamos nossa escolha, ele transforma os *bots* em agentes de expressão – como bem mostra Lorena Regattiere em sua original pesquisa de tese – e coisifica de forma profunda as pessoas, reduzidas à reatividade inexpressiva. É uma

trágica comédia as pessoas discutindo com *bots* nas conversas de redes sociais, descoladas com a violência e a agressividade delas, como se fossem gente e não programas idealizados pelo marketing, parte de uma estratégia desenvolvida por algoritmos e inteligência artificial. Mas tudo isso pode ser revertido. Não é a primeira vez que a indústria e a política de massas tentam reverter o quadro da comunicação conversacional da internet. E nada impede que novas estratégias e modos inteligentes e criativos de luta venham reverter esse quadro. No âmbito da política municipal, uma reação criativa se insurge contra as políticas policialescas e restritivas das cidades inteligentes.

Data de recebimento: 30/03/2020

Data de aceite: 07/04/2020

Dados dos autores:

Henrique Antoun

<http://lattes.cnpq.br/2895734067067136>

É professor associado 4 da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Graduado em Desenho Industrial pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro com mestrado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e doutorado em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Doutorado Sanduíche em Sociologia da Comunicação pela Université de Paris V (Renée Descartes) e pós-doutorado no McLuhan Program in Culture and Technology da Universidade de Toronto. Foi diretor do departamento de Fundamentos da Comunicação da Escola de Comunicação entre 2008 e 2012 e coordenador adjunto do Programa de Pós-Graduação de Comunicação da UFRJ entre 2008 e 2010. Foi Secretário Executivo da ABCIBER – Associação Brasileira de Pesquisadores em Ciberultura – de 2007 a 2009, membro do seu Conselho Fiscal de 2009 a 2011 e é membro do seu Conselho Científico Deliberativo desde 2011. Foi coordenador do grupo de trabalho “Comunicação e Ciberultura” da COMPÓS – Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação – de 2007 a 2009.

Rogério Tineu

<http://lattes.cnpq.br/4972187082839530>

Doutor em Ciências Sociais pela PUC-SP. Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo-ECA (2002), especialista em Docência no Ensino Superior pela Universidade Cidade de S. Paulo (2007), especialista em Economia do Turismo pela ECA/FIPE-USP (1998) e graduado em Ciências Econômicas pela Fundação Santo André (1992). Professor da Faculdade Paulus de Comunicação – FAPCOM e da Universidade Cidade de S. Paulo – UNICID. Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas Urbanas – NEPUR da PUC-SP. Ministrou aulas nos cursos de graduação e pós-graduação em comunicação, design e relações internacionais do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo e na pós-graduação do SENAC-SP. Experiência em análises e estudos socioeconômicos, consumo, desigualdade e desenvolvimento socioambiental, construção e análises de cenários e empreendedorismo. Atua há 20 anos como docente no ensino superior, com mais de 30 anos de experiência profissional em diversas empresas e em projetos de desenvolvimento, viabilidade socioeconômica, estudos de mercado e planejamento de marketing.